

“EM NOME DO PROGRESSO E DA UNIDADE DAS FORÇAS COMBATENTES”: FIDELIDADE E INIMIZADE EM *AS LÁGRIMAS E O VENTO*, DE MANUEL DOS SANTOS LIMA

Renata Flavia DA SILVA*

- **RESUMO:** O presente artigo busca analisar os regimes de alteridade presentes na obra *As Lágrimas e o vento* (1975), de Manuel dos Santos Lima. Tomando as transformações políticas e sociais vividas em Angola como elementos reguladores das noções de alteridade, fidelidade e/ou inimizade, pretende-se observar tal produção literária, contingenciada pela luta de libertação, a fim de problematizarmos a construção ficcional do “inimigo” feita por Santos Lima. Apoiando-nos em uma base transdisciplinar, relacionando literatura, história, memória e política, com destaque aos estudos pós-coloniais e às interseções entre os diferentes registros ontológicos: ficcional e factual, recorreremos aos estudos propostos por Stuart Hall, Umberto Eco e Giorgio Agamben, dentre outros.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Angolana. Manuel dos Santos Lima. Representação. Regimes de alteridade. Inimizade.

Introdução

Em memória dos patriotas angolanos torturados e mortos nas prisões colonialistas; em memória daqueles que empunhando uma catana, um canhangulo ou tão-somente uma pedra, anonimamente foram os primeiros a cair no caminho da Liberdade.

E, despertando a aurora dos oprimidos, tornaram-se grandes e livres e eternos.

(LIMA, 2004a¹, p. 5)

* UFF – Universidade Federal Fluminense. Instituto de Letras – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Niterói – RJ – Brasil. 24210-201 - renataflavia@id.uff.br

¹ A primeira publicação da obra *As lágrimas e o vento* data de 1975, realizada pela África Editora,

—... Ó Pátria, sente-se a voz dos teus egrégios avós que
hão de guiar-te à vitória... Às armas! Às armas!

(LIMA, 2004a, p. 192)

O presente artigo é fruto de um projeto de pesquisa, ainda em andamento, desenvolvido na Universidade Federal Fluminense, intitulado “A [des]invenção do inimigo: jogos ficcionais de alteridade e representação na literatura angolana”, dedicado à investigação dos regimes de alteridade e representação adotados por diferentes autores e em diferentes períodos da literatura angolana dos séculos XX e XXI. Após a investigação da construção dos universos ficcionais de três autores específicos — Pepetela, José Eduardo Agualusa e Ondjaki —, optou-se pela expansão do *corpus* de análise a fim de observar se os regimes de representação acionados por esses três autores seriam também verificados em outros escritores e obras angolanas, dentro do mesmo recorte temporal analisado. Acreditando serem as transformações políticas e sociais vivenciadas em Angola elementos norteadores dos regimes de representação utilizados na construção de “amigos” e “inimigos” ficcionais, foram estabelecidos três momentos-chave para a investigação: o primeiro contingenciado pela luta anti-colonial; o segundo, pelos conflitos civis pós-libertação; e, o terceiro, pelo pós-guerra e a aproximação das comemorações dos primeiros 50 anos do fim da dominação colonial no país. Interessa, portanto, a esta pesquisa o mapeamento das mudanças no repertório de representação das relações de alteridade, definidas por laços de amizade ou inimizade, pertencimento ou diferença, na literatura angolana a partir da década de 60 do século passado. A análise da obra *As lágrimas e o vento* (1975), de Manuel dos Santos Lima, integrante do novo *corpus* do referido projeto, e que ora se apresenta, reitera os esforços na apreensão da articulação entre o ficcional e o factual nos estudos literários angolanos.

“É um terrorista: traz peúgas pretas.”²

Tendo em vista a luta anti-colonial como baliza temporal para o primeiro recorte histórico da investigação em curso, recuperam-se as palavras do escritor angolano Manuel Rui Monteiro, no ensaio “Eu e o outro – o invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto”,

sediada em Lisboa. Todos fragmentos do texto aqui citados foram extraídos da edição publicada em 2004, em Luanda, pela Editora Chá de Caxinde.

² Os subtítulos utilizados neste artigo são extraídos da obra analisada. Leia-se o trecho completo: “— Fui eu que o matei — gabou-se um branco baixinho e nervoso. — Tinha uma pistola meio enterrada nas calças por cima da braguilha. É um terrorista: traz peúgas pretas. Os terroristas usam peúgas pretas, não sabia, senhor alferes? — riu-se com desprezo.” (LIMA, 2004a, p. 22).

*“Em nome do progresso e da unidade das forças combatentes”:
fidelidade e inimidade em *As lágrimas e o vento*, de Manuel dos Santos Lima*

Só que agora porque o meu espaço e tempo foi agredido para o defender por vezes dessituo do espaço e tempo o tempo mais total. O mundo não sou eu só. O mundo somos nós e os outros. E quando minha literatura transborda a minha identidade é arma de luta e deve ser ação de interferir no mundo total para que se conquiste então o mundo universal.

Escrever então é viver:

Escrever assim é lutar:

Literatura e identidade. Princípio e fim. Transformador. Dinâmico. Nunca estático para que além da defesa de mim me reconheça sempre que sou eu a partir de nós também para a desalienação do outro até que um dia e virá os portos do mundo sejam portos de todo o mundo.

Até lá não se espantem. É quase natural que eu escreva também ódio por amor ao amor! (MONTEIRO *in* PADILHA; RIBEIRO, 2008, p. 29).

No texto em questão, Manuel Rui ressalta que escreverá “também ódio por amor ao amor”; o advérbio “também” é indicativo de que o ódio poderia já ter sido escrito por outro. O restante do texto, que não cabe aqui neste artigo, ressalta como a discursividade daqueles que preferiram “disparar os canhões” e bombardear o [seu] texto” (MONTEIRO *in* PADILHA; RIBEIRO, 2008, p. 27) foi desmontada peça a peça, reformulada, apropriada e disparada de volta, num gesto de incorporação e resposta.

A produção literária engajada à luta anticolonial absorveu de seus antagonistas o uso do literário como um dispositivo, no sentido dado ao termo pelo filósofo italiano Giorgio Agamben — na esteira de Foucault —, ou seja, como um conjunto difuso, heterogêneo, linguístico e não linguístico, inscrito em uma relação de poder e capaz de “capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos” (AGAMBEN, 2009, p. 40). Ações que a literatura colonial pôs em prática a serviço da construção, reforço e manutenção de um imaginário colonial, no qual os papéis sociais atribuídos às personagens negras foram previamente determinados em posições antagônicas de desumanização e inferiorização.

Essa prática de fixação da alteridade não é inaugurada com a literatura colonial portuguesa. Segundo Umberto Eco, em “Construir o inimigo”, conferência proferida na Universidade de Bolonha, em 2008, desde a Antiguidade clássica, podem ser observados processos textuais de construção e demonização do inimigo. O ensaísta italiano destaca a importância desta alteridade para a definição e reforço da própria identidade, para um Eu que se reconhece a partir do Outro em diferença. Os inimigos, o outro lado de tais representações antagônicas, seriam, por conseguinte, os outros, os estranhos, os que se comportam segundo costumes que não são os nossos, os que pensam de maneira diferente, e também aqueles que “alguém tem

interesse em representar como ameaçador, ainda que não ameacem diretamente, de modo que não temos o seu potencial de ameaça ressaltando sua diversidade, mas antes a sua diversidade tornando-se sinal de ameaça” (ECO, 2021, p. 13). O que faz com que na ausência de uma ameaça verídica, se invente um Outro ameaçador perante o qual um Eu se possa medir e justificar. É na esteira de tal pensamento que personagens como o estrangeiro, o herege, o judeu tornam-se figuras caracterizadas, sobretudo, pelo fedor, pela feiura, pela deformidade, pela inferioridade social, por tudo, enfim, que difere da norma estabelecida como padrão. Ainda, segundo Eco, o “Negro”, dentre os estranhos na tradição literária europeia, é considerado o mais estrangeiro de todos, pela cor diversa dos que o apontam e tramam inimizades. À cor negra são negados atributos como beleza e bondade. Citando a Enciclopédia Britânica, de 1798, o texto proferido por Eco destaca o verbete “Negro”:

Na carnação dos homens encontramos diversas gradações, mas todos se diferem igualmente dos outros homens em todas as feições de seus rostos. [...] Os vícios mais conhecidos parecem ser o destino desta raça infeliz: Costuma-se dizer que ócio, traição, vingança, crueldade, imprudência, furto, mentira, turpilóquio, dissolução, mesquinhez e intemperança extinguíram os princípios da lei natural e calaram as censuras da consciência. São estranhos a qualquer sentimento de compaixão e constituem um terrível exemplo da corrupção do homem quando deixados à própria sorte (ECO, 2021, p. 14).

Construções imagéticas negativas são comuns ao repertório de uma certa discursividade colonial pautada pelo acúmulo e reiteração de imagens semelhantes que, à custa da opressiva repetição, estereotipam povos, culturas, línguas e crenças do continente africano. Para o teórico Stuart Hall, em *Cultura e Representação*, a naturalização da diferença racial, cuja evidência incontestável para o europeu é o corpo negro, reduz as possibilidades de reconhecimento deste Outro negro, essencializa suas características em mínimos aspectos fetichizantes e fixa o lugar do negro numa fronteira, nem sempre apenas simbólica, de exclusão e inferiorização, um lugar eterno de desvio diante da norma. Pode-se afirmar com Hall que

[a] estereotipagem tem sua própria *poética* — suas próprias maneiras de trabalhar — e sua *política* — as maneiras com as quais ela está investida de poder. Também afirmamos que se trata de um determinado tipo de poder — uma forma de poder hegemônico e discursivo que opera tanto por meio da cultura, da produção do conhecimento, das imagens e da representação, quanto por outros meios. Além disso, é circular: implica os “sujeitos” do poder, bem como aqueles que estão “submetidos a ele” (HALL, 2016, p. 200).

“Em nome do progresso e da unidade das forças combatentes”:
fidelidade e inimidade em As lágrimas e o vento, de Manuel dos Santos Lima

Comumente representada de maneira binária e polarizada, a diferença entre negros e brancos, naturalizada nas narrativas coloniais, agia como elemento colaborador para a manutenção da ordem estabelecida nos territórios conquistados, operando como uma política de representação na qual a racialização consistia na principal estratégia. A contestação de tal regime racializado de representação foi incorporada às fileiras da luta anti-colonial em produções literárias transcodificadoras das imagens racializadas do Outro, através do estranhamento e da inversão dos estereótipos racistas e da complexificação das representações de negros e brancos. Os inimigos representados passam, então, a ser o Outro, branco, invasor, colonizador e estrangeiro.

“é melhor libertar os vivos que vingar os mortos”³

Contingenciado este momento da pesquisa a produções literárias coetâneas às lutas de libertação em Angola, destaca-se a obra de Manuel dos Santos Lima *As lágrimas e o vento*, publicada em 1975. Na produção literária do autor, figuram, ainda, o livro de poemas *Kissange* (1961); os romances *As sementes da liberdade* (1965) e *Os anões e os mendigos* (1984) e a peça *A pele do diabo* (1976).

Manuel Guedes dos Santos Lima nasceu em 1935, na então Silva Porto, hoje Cuíto, na província do Bié. Aos 13 anos, a fim de estudar, mudou-se para Lisboa, onde permaneceu até sua deserção, em 1961. Convocado ao serviço militar português, atinge a patente de alferes miliciano de Infantaria; entretanto, insatisfeito com a dominação portuguesa e a política salazarista, aproveitou uma escala em sua transferência para Goa para desertar do exército português. Unindo-se, logo depois, a um grupo de nacionalistas angolanos, liderados por Mário Pinto de Andrade, tornou-se o responsável pela formação e estruturação do Exército Popular de Libertação de Angola, o braço armado do MPLA⁴. Em 1963, o rompimento com o movimento liderado por Agostinho Neto levou-o a deixar novamente Angola. No início dos anos 90, a convite de um grupo de jovens opositores ao regime de José Eduardo dos Santos, então presidente de Angola, o escritor voltou ao cenário político do país com a criação do partido político MUDAR (Movimento de Unidade Democrático Angolano para a Reconstrução), partido concorrente e derrotado nas eleições de 1992. Em entrevista a Francisco Topa, Santos Lima esclarece as motivações de seu rompimento com Neto:

³ Leia-se o trecho completo: “— O primo queria vingar o Beto? // —É mais do que isso. Tenho reflectido muito depois de ter falado com o Inspector Lobo e cheguei à conclusão que é melhor libertar os vivos que vingar os mortos. (LIMA, 2004a, p. 52).

⁴ Movimento Popular de Libertação de Angola.

Saio por desilusão com o Agostinho Neto, única e exclusivamente. (...) Na última reunião do comité diretor em que eu participei, disse claramente que não concordava com as diretrizes de Agostinho Neto, pelo que me vou embora, pois a luta perdeu o sentido para mim. Mas não estrago nada. Aqui está o corpo militar do MPLA, com o EPLA, com 285 soldados equipados, armados, com disciplina militar (LIMA *in* TOPA, 2016, p. 190).

É este corpo armado da luta de libertação, ainda em sua fase inicial, o corpo descrito em *As lágrimas e o vento*. O romance ambientado nas matas angolanas nos primeiros anos de guerra é protagonizado pela personagem Almi Boaventura. Almi, anagrama de Lima, último sobrenome do autor, partilha com este características e pensamentos. De origem familiar são tomense, ambos, autor e personagem, trilham caminhos semelhantes de colonização, assimilação, deserção e guerrilha. Almi aparece pela primeira vez em *As sementes da liberdade*, obra de 1965, a qual retrata a vida de seu pai, Ricardo Boaventura, como empregado da administração colonial. O jovem disposto a escrever sobre os problemas e as gentes do continente africano, no romance de 1965, retorna homem feito no romance publicado dez anos após o primeiro, alferes do exército português e pronto para desertar. A primeira aparição de Almi, em *As lágrimas e o vento*, destaca seu mal estar no exército português:

Deitado sobre o ventre, o corpo dolorido e a alma cheia de sonhos de liberdade. Almi Boaventura olhava para a granada de mão pousada em cima da toska mesinha de cabeceira. Nessa posição, ouvia nitidamente as pulsações do coração ampliadas pela vibração que provocavam na desengonçada cama de ferro, em que repousava. Cerrou o punho para calcular o tamanho do coração. Era maior que a granada. Se assim não fosse não teria tido pena. (LIMA, 2004a, p. 19)

Pena, compaixão, empatia, sentimentos estes impensáveis à boa parte dos militares retratados no romance. Embora um regime racializado de representação seja utilizado para compor as falas da maioria das personagens brancas, nas quais seja recorrente o uso de predicativos negativos aos negros, como destacados a seguir,

— Sabe, um terrorista é igualzinho a um preto fiel e um preto fiel pode virar terrorista de um momento para o outro (LIMA, 2004a, p. 15).

«É uma nova Cruzada, soldados de Portugal! A vossa missão é sagrada: defender a pátria ameaçada pelas forças do demônio que querem destruir os nossos séculos de civilização cristã» (LIMA, 2004a, p. 47).

— Não faça caso, senhora marquesa, eles são umas bestas, uns autênticos animais que não percebem nem reconhecem nada do que se lhes faz (LIMA, 2004a, p. 154).

*“Em nome do progresso e da unidade das forças combatentes”:
fidelidade e inimizade em *As Lágrimas e o vento*, de Manuel dos Santos Lima*

— Todos os pretos que sabem ler são perigosos, porque são líderes em potência. Temos que os prender como medida de segurança. (LIMA, 2004a, p. 112);

a narrativa, operando com um acúmulo de imagens articuladoras da fé e do império colonial, desconstrói a grandeza da empreitada lusa no continente africano desde suas primeiras páginas. O pesadelo do general José Cabarrão de Boa Vida y Colaço abre o capítulo intitulado “O general da cidade do medo”, primeiro dos seis que compõem o romance, e alegoriza o embate entre portugueses e angolanos e seu futuro desfecho,

O vento empurrava-o para trás, mas obstinado, ele tentava prosseguir o seu caminho, surdo aos gritos do vento. Não podendo suportá-lo de frente, voltou-lhe as costas e quis continuar, às cegas, carregando com aquele velho padrão. Era uma relíquia de família e por isso queria guardá-lo a todo custo. Não sabia, porém, onde pousá-lo. Cada vez que o assentava no chão, via-o enterrar-se e, apressadamente, voltava a carregá-lo às costas.

O vento não parava. [...] O padrão era demasiado pesado. Todavia, ele tentava resistir ao seu adversário tenaz. Pôs-se a gritar por socorro, mas ninguém o escutava; ele próprio não ouvia a sua voz. [...]

De repente, ouviu passos caminhando para ele. Voltou-se. Dois olhos implacáveis fulminavam-no. Sentia-se derreter. Um negro avançava brandindo uma catana. Tomou a direita. Beco sem saída. Aflito, voltou-se para a esquerda. Encontrou-se de novo perante o mesmo negro, desta vez apoiado por uma multidão sem rosto. Caiu, o padrão fragmentou-se; no entanto a cruz que o encimava conservara-se intacta. Arrancou-a dos destroços e, como se fora uma espada, ergueu-a contra a multidão, tingindo-a de sangue a cada golpe. Carregava sem piedade, à maneira de um cruzado entre infiéis. A mulher chorava, o filho gritava-lhe que parasse, o sangue espirrava sobre eles, não obstante, cego e intransigente ele golpeava sem parar até que a fadiga o venceu. E sempre o negro esfarrapado correndo para ele, elástico e decidido, o vento assobiando de encontro ao gume novo da sua catana. Recomeçou a sua desesperante corrida ao retardador, sem fôlego e apavorado, a língua da catana crescendo para ele, oblíqua e arrepiante, quase a lamber-lhe o pescoço e a molhar-se no seu sangue... (LIMA, 2004a, p. 7-8)

É a imagem de um fim iminente da colonização, referida em temos como “velho padrão”, “relíquia de família”, “cruz”, “um cruzado entre infiéis”, que se constrói desde o início da narrativa. A oposição do exército português aos movimentos negros de libertação, metaforizados na enorme multidão sem rosto que apoia o negro desafiador de seus pesadelos.

Deve-se ressaltar, entretanto, que o romance, embora corrobore uma discursividade anticolonial, não emprega construções maniqueístas sem

problematizá-las ou contestá-las, e sim, por outro lado, opta por promover a complexificação das representações de brancos e negros envolvidos no processo de libertação angolano. Não se tratando de simples inversão, o inimigo branco no lugar do inimigo negro, mas de um posicionamento mais alargado que a distinção racial para determinar aliados e adversários. As palavras escritas pelo soldado português Veríssimo, em seu diário de guerra, exemplificam a representação não totalitária das personagens brancas:

— Estou a escrevê-lo porque tenho a certeza de vou morrer nesta porcaria de guerra colonial. Se fosse em Portugal, numa luta contra o fascismo, eu iria para a primeira linha; mas isto de fazer a guerra a soldo do salazarismo, faz-me sentir um mercenário.

[...] O nosso desembarque causou grande decepção, [...] procuravam em nós o reflexo do seu ódio e viam tão somente passageiros cansados, desalinados e quase indiferentes.

Luanda é uma fortaleza branca, porque se tornou a cidade do Medo. [...].

Na escola aprendemos a localizar no mapa este imenso território mas nada nos ensinaram sobre o seu Povo, os seus usos e costumes. E nunca nos ocorreu que ele tinha uma alma, pelo simples facto que a política de assimilação lhes negava a existência: tendo a rebelião demonstrado a fragilidade senão a utopia da assimilação, o Exército tenta impor-nos uma imagem de circunstância: os pretos são selvagens e ferozes, de humanos só tem o feitio, pois esquarteram os pacíficos colonos brancos «que os tratavam como irmãos». A missão dos militares é, pois vingar essas pobres vítimas da barbárie negra.

A revolta deste povo é espontânea; processou-se ao longo de séculos e traduz a inimizade das populações indígenas em relação à nossa opressão colonial. [...] Ela é natural e lógica, fatal mesmo; ela começou a fermentar no dia em que de Angola partiu o primeiro navio negreiro (LIMA, 2004a, p. 31-32)

Mesmo para as personagens negras há uma oscilação entre as que expressam uma visão homogênea dos brancos portugueses, como demonstra a citação a seguir:

— Branco gordo como um porco! Que branco tão gordo! É porco mesmo!

— Sukué!

— Está gordo com a comida que comeu em Angola. Está gordo com a nossa fome. [...]

— Cusquam-lhe na cara, é um português! O português é ladrão... gabarola... fanfarrão... [...]

*“Em nome do progresso e da unidade das forças combatentes”:
fidelidade e inimizade em *As Lágrimas e o vento*, de Manuel dos Santos Lima*

— No Putu não são ninguém; morrem de fome e, se refilam, Salazar, o pai deles, manda-os para a cadeia; mas quando chegam a Angola, compram chicote antes de comprar capacete e tratam-nos como bichos. [...]

— Ninguém é mais atrevido... nem abusador... nem sacana e explorador que um português (LIMA, 2004a, p. 65);

e aquelas que distinguem, dentre a parcela branca da sociedade colonial, aqueles que aderiram verdadeiramente à luta de libertação:

— Nós somos companheiros de luta — acrescentou Sena — porque os brancos que exploram o povo angolano são os mesmos que exploram o povo português. São os fascistas e os colonialistas. Nós desertámos para irmos ter com o general Humberto Delgado e lutarmos contra os fascistas e os colonialistas. Tenham confiança em nós, nós somos democratas — Sena estendeu igualmente a mão a Calhambeque. Este sentia-se tão confundido como quando Almi lhe dissera que o «branco burro» era seu amigo. E Calhambeque, que sempre sofrera as injustiças dos brancos, perguntou-se pela primeira vez na sua vida, se ele não fora igualmente injusto para com um branco (LIMA, 2004a, p. 184).

Que pena que ele e o Lindinho não pudessem ficar para sempre com os guerrilheiros. O povo adoptara-os e estava-lhes reconhecido pela sua adesão à causa angolana. Calhambeque transpusera uma nova fronteira no dia em que percebera que os brancos também exploravam outros brancos, mesmo na sua terra. Isso dera-lhe uma nova visão do seu próprio problema, levando-a agora a pensar sobretudo em termos de classe em vez de raça. [...] Ele podia tutear aquele branco, olhá-lo de frente sem medo, sem constrangimento nem rancor. Sim, ele acreditava agora que um branco pudesse ser amigo de um preto, mas era preciso que o branco não fosse patrão” (LIMA, 2004a, p. 195).

Este não fechamento em representações racializadas e estereotipadas alcança, também, na narrativa, as relações internas ao povo angolano. As tensões entre as chefias tradicionais, o contato com membros de outras frentes guerrilheiras, como a UPA⁵ e o MPLA, revelam aspectos negativos e positivos de organizações e grupos sociais, porém o que prevalece, para Almi, não é o aspecto negativo ou a animosidade e sim a possibilidade de partilha, da existência de um “movimento unificador de consciência nacional” (LIMA, 2004a, p. 53). O protagonista sente-se mais próximo do povo angolano na dor que na alegria, pouco afeito às tradições que sua educação ocidentalizada rasurou, encontra na luta pela libertação uma “família e uma casa” (LIMA, 2004a, p. 76), “uma igualdade circunstancial de seres deslocados, de rebeldes e de vítimas” (LIMA, 2004a, p. 79).

⁵ União das populações de Angola.

Esgotado o seu repertório, voltou a baixar a cabeça, ficando calado e encolhido sobre a cadeira, escondendo as partes rotas do casaco. Ao fazê-lo desnudava os pulsos, à volta dos quais a pele tinha um desenho escuro de argolas. As mãos do ex-funcionário lembravam a Almi as de seu pai, largas e francas, capazes de um afago ou de acender a dinamite. Almi ficou triste (LIMA, 2004a, p. 41).

E os caminhos do mato inundados de gente anónima, formigas fardadas de trapos, com destino a Nambuanguongo, pátria de lanças e de sonhos de liberdade. [...] Iam em grupos como peregrinos de um novo culto, todos juntos somando raivas e esperanças, todos unidos pela terrível razão dos oprimidos.

Amaro Calcinhas, Sousa Funcionário, Mendes Estudante, Miguel Operário, Borges Desempregado, Mariana Rameira, Óscar Nada, Rosamunda Professora, Almi Desertor e outros e muitos outros mais (LIMA, 2004a, p. 57).

A identificação de Almi desertor com estudantes, operários, desempregados e outros tantos se dá pelas mesmíssimas dor e angústia⁶ impingidas pela colonização. Para Agamben, recuperando e ampliando o conceito aristotélico de “amigo” ou “amizade”, há na relação estabelecida entre amigos um “com-sentir”, isto é, um “com-sentimento da existência do amigo no sentimento da existência própria” (AGAMBEN, 2009, p. 89) e, por esta razão, há, de igual modo, uma “com-divisão” que torna os amigos “uma alteridade imanente na ‘mesmidade’, um tornar-se outro do mesmo” (AGAMBEN, 2009, p. 90). Essa relação de alteridade definida pela amizade e partilha da existência, entretanto, apresenta-se, no romance em questão, como um elo bastante frágil, dadas as diferenças de pensamento e pertencimento entre aqueles que compunham a luta de libertação.

Ao criar o MAIN, Movimento Angolano para Independência Nacional, o ex-alferes do exército português e então guerrilheiro pela libertação de Angola demonstra a preocupação não apenas com a luta, mas com o que virá após a conquista da liberdade em termos identificação e pertencimento nacionais. Para Almi, o povo angolano, “manchado desse sangue inimigo que o devolvia a si próprio” (LIMA, 2004a, p. 65) continua “à procura da sua autenticidade no espelho colonial” (LIMA, 2004a, p. 61), seja pela assimilação ou pela recusa dela. Para a personagem,

A consciência angolana nasceria do presente, forjar-se-ia dentro da luta anticolonialista, porque os angolanos ao pegarem em armas tinham inaugurado uma nova idade histórica. [...] a propósito do passado: querer guardar tudo quanto a tradição legara parecia-lhe uma reação, uma forma de protesto contra o mito

⁶ Faz-se aqui referência ao poema “A minha dor”, de José Craveirinha: “Dói / a mesmíssima angústia / nas almas dos nossos corpos / perto e à distância. // E o preto que gritou é a dor que não se vendeu / nem na hora do sol perdido / nos muros da cadeia.” (CRAVEIRINHA in APA *et al.*, 2003, p. 203).

*“Em nome do progresso e da unidade das forças combatentes”:
fidelidade e inimidade em *As lágrimas e o vento*, de Manuel dos Santos Lima*

negativo que o colonialista criara do negro, mas finalmente este tinha tendência a resvalar para outro mito não menos negativo e perigoso: um falso auto-retrato feito sob influência do espectro do colonialista. Como demarcar, claramente, a fronteira entre a despersonalização e a falsa autenticidade? (LIMA, 2004a, p. 174).

Num breve encontro com membros do MPLA, Almi observa a composição do grupo de rebeldes,

Estavam todos vestidos de panos, assim como as respectivas mulheres, que no entanto, conservavam os saltos altos. As crianças tinham vestidos ou calções. O grupo era composto de vinte pessoas e nele havia um médico, um economista e funcionários públicos todos ferrenhos nacionalistas a caminho do exílio. [...] Os carregadores engravatados, iam à frente, equilibrando na cabeça pesadas malas e sacos de viagem. Transpiravam, abundantemente, dentro dos fatos que os seus padrões lhes tinham dado. Os assimilados disfarçam-se, os indígenas mascaram-se (LIMA, 2004a, p. 59-61).

Quem é quem neste jogo de espelhos? Que representações do povo angolano darão conta de traduzir as bifurcações do caminho trilhado pelos movimentos de libertação nas décadas de 60 e 70? Se “para vencer o branco era preciso atacá-lo com armas de branco” (LIMA, 2004a, p. 171), o que seria necessário para vencer outros negros? O protagonista Almi ressentia-se por constatar a dura realidade dos conflitos que fazia inimigos externos e internos, branco, negros, mestiços, apesar do ideal comum:

companheiros massacrados por elementos da UPA, unicamente por serem militantes do MPLA. [...] A luta fratricida, denunciada pelo amigo, institucionalizava-se, pois, dentro do nacionalismo angolano, e ele não via, de momento, outra maneira de a combater que não fosse pelo extermínio de grupos que a praticavam, mesmo se isso tornava a cura tão perigosa quanto a própria doença (LIMA, 2004a, p. 185).

Era uma luta de libertação, e “[n]uma guerra deste tipo há os que a começam, os que se batem, os que morrem e os que se aproveitam” (LIMA, 2004^a, p. 19).

Considerações finais

A narrativa de Manuel dos Santos Lima, assim como outras coetâneas à sua produção, busca ampliar o repertório de representação dos inimigos, internos e externos, rompendo maniqueísmos e evidenciando fraturas. Que cor terão os futuros

inimigos de Angola e se serão esses reais ou inventados em nome da unidade e do progresso do país são indagações sem resposta ao final do romance, que se encerra com a morte do protagonista em meio à pela conquista da independência.

O autor talvez o responda em seu terceiro romance, *Os anões e os mendigos*, uma construção alegórica das relações de poder no pós-independência de Angola. Mas por ora, o que se pode concluir, após a análise de *As lágrimas e o vento*, é que “amigos” e “inimigos” são postos em xeque por meio de representações complexas pautadas não pela cor mas por opções tomadas pelas personagens ao longo da narrativa. As amizades e inimizades propostas por Santos Lima são relacionais, pautadas em relação a determinados contextos e não inatas, o que promove a desnaturalização da diferença e sua estereotipagem. A transitoriedade das relações de amizade/inimizade construídas no romance alerta que os inimigos não precisam ser eternos, a liberdade sim.

SILVA, R. F. “In the name of progress and the unity of the fighting forces”: fidelity and enmity in *As Lágrimas e o vento*, by Manuel dos Santos Lima. **Itinerários**, Araraquara, n. 58, p. 283-295, jan./jun. 2024.

■ **ABSTRACT:** *This article seeks to analyse of the regimes of alterity present in the novel Lágrimas e o vento (1975), by Manuel dos Santos Lima. Taking the political and social transformations experienced in Angola as regulating elements of the notions of alterity, fidelity and / or enmity, it is intended to observe such literary production, contingent on the liberation struggle, in order to problematize the fictional construction of the “enemy” made by Santos Lima. Relying on a transdisciplinary basis, relating literature, history, memory and politics, with emphasis on postcolonial studies and the intersections between the different ontological records: fictional and factual, our analyses is based on the studies of Stuart Hall, Umberto Eco and Giorgio Agamben, among others.*

■ **KEYWORDS:** *Angolan Literature. Manuel dos Santos Lima. Representation. Regimes of alterity. Enmity.*

REFERÊNCIAS

Livro:

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios.** Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

APA, Livia; BARBEITOS, Arlindo; DÁSKALOS, Maria Alexandre. **Poesia africana de língua portuguesa: antologia.** Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003.

“Em nome do progresso e da unidade das forças combatentes”:
fidelidade e inimizade em As lágrimas e o vento, de Manuel dos Santos Lima

ECO, Umberto. **Construir o inimigo e outros ensaios ocasionais**. Trad. Elaine Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2021.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Org. e revisão técnica Arthur Ituassu; trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUCRio; Apicuri, 2016.

LIMA, Manuel dos Santos. **As sementes da liberdade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

LIMA, Manuel dos Santos. **As lágrimas e o vento**. Luanda: Chá de Caxinde, 2004a.

LIMA, Manuel dos Santos. **Os anões e os mendigos**. Luanda: Chá de Caxinde, 2004b.

TOPA, Franciso; VISHAN, Irena (Coord.). **Manuel dos Santos Lima, escritor angolano tricontinental**. Porto: Afrontamento, 2016.

WHEELER, Douglas; PÉLISSIER, René. **História de Angola**. Lisboa: Tinta da China, 2013.

Capítulo de livro:

MONTEIRO, Manuel Rui. Eu e o outro — o invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto. *In*: PADILHA, Laura Cavalcante; RIBEIRO, Margarida Calafate. (org.). **Lendo Angola**. Porto: Edições Afrontamento, 2008. p. 27-29.

